



Paidéia

ISSN: 0103-863X

paideia@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

de Araújo Günther, Isolda
Apresentação. Pessoa e ambiente, as duas faces da mesma moeda
Paidéia, vol. 18, núm. 39, 2008, pp. 21-23
Universidade de São Paulo
Ribeirão Preto, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305423760003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Apresentação

Pessoa e ambiente, as duas faces da mesma moeda

As mudanças no sistema pessoa-ambiente ao longo do curso de vida constituem o processo básico do desenvolvimento (Lerner, 1991; Stokols, 1978; Tobach, 1981). Resulta daí a importância de estudar a pessoa em seu contexto. Essa proposição nem sempre foi prevalente na ciência psicológica. A noção de que o ambiente físico exerce um impacto significativo na vida das pessoas tem uma curta história (Sommer, 1966; Wachs, 1990). No campo da psicologia do desenvolvimento o modelo teórico vigente no limiar do século XX enfatizava a genética. Os pesquisadores dedicavam sua atenção aos seres animados, mas deixavam de lado as variáveis relacionadas aos ambientes nos quais as pessoas vivem.

No período compreendido entre 1920 e 1960, como consequência do behaviorismo e da teoria da aprendizagem social, o paradigma dominante destacou o papel modelador do ambiente (Bijou & Baer, 1961; Overton & Reese, 1973). Entre 1960 e 1980 surgiram novos modelos teóricos que não mais defendiam a influência exclusiva de fatores internos (natureza) ou externos (cultura), ao aceitar o princípio epigenético e a interação entre estrutura e função como o principal determinante do desenvolvimento (Gottlieb, 1991; Lerner, 1991; Lerner, Easterbrooks & Mistry, 2003).

Paralelamente, outro importante aspecto sofreu alteração: a Psicologia do Desenvolvimento expandiu seu interesse para outras fases do curso de vida (Baltes, Staudinger & Lindenberger, 1999; Staudinger & Bluck, 2001). Antes, a teoria e a pesquisa restringiam seus interesses aos anos da infância (Lerner & Steinberg, 2004; Petersen, 1988), limitando-se a estudar essa fase, sem atentar para o fato de que os processos de desenvolvimento envolvem estabilidade e mudança, transição e crise, ganhos e perdas durante toda a vida. Finalmente, enxergou-se que os adultos também mudam – descobriu-se o desenvolvimento adulto. Assim, avanços teóricos e metodológicos na Psicologia do Desenvolvimento, aliados ao surgimento de um novo campo de estudo, a Psicologia Ambiental, (Proshansky, Ittelson & Rivlin, 1970; Sime, 1999;

Stokols, 1995) possibilitaram uma maior atenção às variáveis relacionadas ao contexto (Bronfenbrenner & Morris, 1998) e à diversidade das várias etapas da vida (Baltes, 1987).

Este dossiê inclui produções que exemplificam estudos sobre a interação pessoa-ambiente. Constitui uma expansão de três trabalhos apresentados na Mesa Redonda *Desenvolvimento humano e meio ambiente: Cara e coroa?* no V Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, realizado em Maceió-AL, em maio de 2007. Os trabalhos adotam um quadro de referência bidirecional, investigam como as características das pessoas operam reciprocamente com as características do ambiente e fornecem informações sobre processos de desenvolvimento típicos que têm lugar em ambientes típicos. Cada contribuição focaliza um ambiente diferente, envolve uma faixa etária específica e é motivada por questões distintas.

A primeira dessas questões é endereçada por Mara Campos-de-Carvalho e Tatiana Noronha de Souza, da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, e tem como título: *Psicologia Ambiental, Psicologia do Desenvolvimento e Educação Infantil: Integração possível?* Este artigo condensa várias pesquisas que examinam o arranjo espacial em salas de creches de crianças de 1 a 2, 2 a 3 e 3 a 4 anos como um elemento mediador da interação criança-criança e criança-educador; tais estudos evidenciam empiricamente que o arranjo espacial pode favorecer, dificultar ou impedir práticas educativas e interativas, práticas estas que promovem ou dificultam o desenvolvimento e a aprendizagem infantis. Apresenta, também, estudos sobre uma escala estadunidense de avaliação de qualidade de ambientes infantis coletivos e uma análise de princípios de qualidade de tais ambientes apresentados em documentos nacionais e internacionais. Desta maneira, fornece uma nova direção neste importante tema de estudo, por sua contribuição teórica e pela possibilidade de guiar pesquisadores e práticos na diferenciação e integração de questões que

caracterizam contextos diários do cuidado e da educação infantis.

O segundo artigo, *Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças*, examina a maneira como crianças entre três e sete anos utilizam diferentes áreas de um pátio escolar. Odara de Sá Fernandes e Gleice Azambuja Elali, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, recorrem, por meio da observação sistemática, ao método de mapeamento comportamental e clarificam como, onde e com quem meninos e meninas de diferentes idades interagem durante o recreio. Esse estudo propicia um estimulante exemplo de como formular questões de pesquisa com o objetivo de investigar a influência da pessoa no contexto e do contexto na pessoa. Características das crianças – idade e gênero – em interação com características do ambiente – tamanho, tipo, temperatura – demonstram engenhosamente a interação recíproca pessoa-ambiente.

A terceira questão está ligada à ampliação do topo da pirâmide demográfica, cuja visibilidade tem motivado um número crescente de pesquisas com idosos. *Ambiente de moradia e controle primário em idosos* amplia o estudo da interação pessoa-ambiente para além dos 60 anos e se detém em questões ligadas ao controle, à autonomia e à privacidade, preocupações reconhecidas dessa faixa etária. Hilma Tereza Tôrres Khoury, da Universidade Federal do Pará, e Isolda de Araújo Günther, da Universidade de Brasília, chamam atenção, por meio dos conceitos de *controle primário* e *controle secundário*, de como variações na densidade social afetam o sentimento de privacidade no ambiente de moradia, a percepção de autonomia, de independência e de comando sobre a própria vida e sobre o ambiente.

Os artigos que compõem esse dossiê, além do particular atrativo que podem despertar separadamente, envolvem em seu conjunto três fases do curso de vida e apresentam a pertinência de uma perspectiva teórica que possibilita o estudo da relação recíproca entre a pessoa e seu ambiente.

Referências

- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23, 611-626.
- Baltes, P. B., Staudinger, U. M., & Lindenberger, U. (1999). Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning. *Annual Review of Psychology*, 59, 471-507.
- Bijou, S. W., & Baer, D. M. (1961). *Child Development: A systematic and empirical theory*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental process. In W. Damon (Series Ed.) & R. M Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol 1 Theoretical models of human development* (5th ed., pp. 993-1028). New York: Wiley.
- Gottlieb, G. (1991). Epigenetic systems view of human development. *Developmental Psychology*, 27(1), 33-34.
- Lerner, R. (1991). Changing organism-context relations as the basic process of development: A developmental contextual perspective. *Developmental Psychology*, 27, 27-32.
- Lerner, R. M., Easterbrooks, M. A., & Mistry, J. (2003). Introduction: Dimensions of developmental psychology. In I. B. Weimer (Editor-in-Chief) & R. M. Lerner, M. A. Easterbrooks, & J. Mistry (Vol. Eds.). *Handbook of psychology: Vol. 6 Developmental psychology* (pp.1-10). New Jersey, NJ: John Wiley & Sons.
- Lerner, R. M., & Steinberg, L. (2004). The scientific study of adolescent development: Past, present, and future. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (2nd ed., pp.1-12). New Jersey, NJ: John Wiley & Sons.
- Overton, W. F., & Reese, H. W. (1973). Models of development: Methodological implications. In J. R. Nesselroade (Ed.), *Life-span developmental psychology: Methodological issues* (pp. 65-86). New York: Academic Press.

- Petersen, A. C. (1988). Adolescent development. *Annual Review of Psychology, 39*, 583-607.
- Proshansky, H. M., Ittelson, W., & Rivlin, L. G. (Eds.). (1970). *Environmental psychology: Man and his physical settings*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Sime, J. D. (1999). What is environmental psychology?: Texts, content and context. *Journal of Environmental Psychology, 19*(2), 191-206.
- Sommer, R. (1966). Man's proximate environment. *Journal of Social Issues, 22*(4), 59-70.
- Staudinger, U. M., & Bluck, S. (2001). A view on midlife development from life-span theory. In M. E. Lachman (Ed), *Handbook of midlife development* (pp. 3-39). New York: John Wiley & Sons.
- Stokols, D. (1978). Environmental psychology. *Annual Review of Psychology, 29*, 253-295.
- Stokols, D. (1995). The paradox of environmental psychology. *American Psychologist, 50*, 821-837.
- Tobach, E. (1981). Evolutionary aspects of the activity of the organism and its development. In R. M. Lerner & N. A. Busch-Rossnagel (Eds.), *Individuals as producers of their development: A life-span perspective* (pp. 37-68). San Diego, CA: Academic Press.
- Wachs, T. D. (1990). Must the physical environment be mediated by the social environment in order to influence development?: A further test. *Journal of applied Developmental Psychology, 11*, 163-178.